

Notas sobre os antecedentes da Frente Popular nos Estados Unidos

Aruã Silva de Lima

Writer's Project e checar Uruguai
Universidade Negra de Fisk – Tennessee

A história costumeiramente contada das frentes populares baseia-se, com exagerada ênfase, nos acontecimentos internos da Internacional Comunista. Em 1935, os comunistas organizados em torno do Comintern definiram uma nova política de alianças em virtude do ascenso Nazi-Fascista a partir de um corpo de decisões congressuais resolvido na plenária do VII Congresso da Internacional Comunista daquele ano. Torna as frentes populares fruto de uma decisão congressual do Comintern retira uma parte importante da agência das organizações comunistas nacionais e locais. Ela é fruto de uma historiografia que, por conveniência documental e por inspiração teórico-metodológica, escolheu pautar-se pela história das instituições e organizações de um ponto de vista pouco dialógico. Ou melhor, pouco se fez para compreender de que maneira as determinações chegavam aos confins da militância e, por outro lado, de que modo seria possível encontrar naquelas decisões fragmentos desta militância afastada do corpo decisório. Em alguma medida se reproduziu uma história política fundamentada em um entendimento de História conservador, ainda que, paradoxalmente o tema tenha sido geralmente tratado por estudiosos progressistas. Assim, para a história das organizações comunistas, muitas delas transnacionais, há ainda uma grande tensão em termos de uma definição adequada da autonomia possível dos Partidos em relação ao Comintern e dos militantes em relação aos partidos, o que, ademais, pode ser expandido para uma problemática da história das esquerdas e, em menor grau, para a história das organizações de trabalhadores. Desde já, é preciso destacar que somente a partir da década de 90 do século passado a historiografia dos partidos de esquerda tem se arriscado em aventuras documentais, fugindo do paradigma exposto acima. Ao mesmo tempo, tem se esforçado para realizar uma inflexão teórica no sentido de compreender a constituição dessas organizações para além das diretrizes vindas de cima.

Começo com essa introdução um tanto longa para destacar um primeiro aspecto que permeia o debate americano acerca dos movimentos de esquerda nos Estados

Unidos e, em específico, nos seus momentos mais agudos que são as décadas de 30 e 60 do século XX.

A relação que uma primeira crítica historiográfica americana estabeleceu a respeito dos nexos entre a esquerda e os movimentos negros é, para além do macartismo, carregada de uma noção bastante cara a essa historiografia das esquerdas que superestimou o papel das diretrizes. Theodore Draper fez o primeiro grande estudo documental sobre a atividade comunista nos Estados Unidos. Seu livro *The roots of American Communism* publicado em 1957 seguido por *American Communism and Soviet Union*, em 1960, constituíram um legado intelectual ainda em processo de superação. Em ambos escritos Draper dialoga com suas próprias experiências de ex-comunista e com um privilegiado *corpus* documental. Sua interpretação da história do comunismo nos EUA associa o Partido a um elemento externo em solo americano; daí concluiu em ambos os livros que a idéia de que os comunistas americanos constituíram-se como um apêndice soviético em terras americanas. A associação entre ser comunista e ser espião tornou-se automática e bastante coerente com os anos de bipolaridade geopolítica. O mimetismo partidário, existente na narrativa de Draper, creditado aos militantes comunistas americanos obliterou a capacidade criativa do movimento na historiografia, inclusive em seu momento mais rico que foi o da Frente Popular. Em 2003 Draper escreveu uma nova introdução para o texto na qual afirma “By making the term *Communist* equivalent to *espionage*, a great injustice can be done to those who did not”¹ o que já pode ser reflexo de um *mea culpa*.

O debate sobre as relações entre as esquerdas e o anti-racismo foram, também em função de Draper, polarizados nos termos da Guerra Fria o que pouco contribuiu para o avanço do campo. Um exame dessa historiografia merece um trabalho específico, impossível de ser realizado por mim nos termos que essa pesquisa se propõe. Para ficar em dois exemplos recentes e contemporâneos da academia a respeito da nova questão racial e diaspórica: Daniel Pipes (estudioso do Islã) e David Horowitz² incorporaram a versão nova da Guerra Fria – a Guerra ao terror – e tentam, de certo modo, restabelecer

¹ DRAPER, Theodore. **The roots of American Communism**. Nova Jersey: Transaction Publishers, 2003, p XIX.

² Horowitz publicou, em 2004, um livro com o sugestivo título de “Unholy alliance: radical Islam and the American left”.

as bases do macartismo (lembrar da lista feita por Pipes "Profs who hate America": Glenda Gilmore e Eric Foner, ambos pesquisadores de relações raciais e processo diaspóricos). Da produção que não se insere na academia posso destacar duas variantes da produção americana sobre o assunto que, ancorada em escritos biográficos, muitas vezes apresentam um enredo de desilusão ou de uma sugestiva adequação da trajetória comunista na típica história americana de *Self-Made man* por dentro das hostes comunistas. O próprio David Horowitz, como ex-comunista é um exemplo desse segundo tipo de narrativa. No caso dele, trata-se de uma autobiografia. Sua descoberta da americanidade foi feita pela subversão do comunismo³.

O estado da arte na historiografia americana e brasileira é distinto. Enquanto na primeira a produção é vasta e já existem gerações se sobrepondo e disputando posições de prevalência no campo, no Brasil os estudos sobre a questão racial e as esquerdas ainda se limitam a um olhar que não mescla análises e abdica de inserir as lutas raciais no escopo geral das lutas sociais. As perguntas que Cary Nelson e Mary Helen Washington ainda não foram feitas ainda não foram feitas no Brasil.⁴ Assim, a problemática que estrutura esta pesquisa deve enfrentar nuances referentes aos diferentes estágios em que se encontram as produções de ambas as historiografias. De todo modo, a historiografia com a qual pretendo dialogar encontra-se em fase de consolidação e diversificação interpretativa no que tange a existência de uma relação transcendente à simples hierarquização do Comintern sobre o CPUSA. Por conseguinte, se supera o debate acerca da autonomia e detecta-se a existência de uma esquerda americana ciente e preocupada com problemas internos; influenciada e nascida a partir de tensos diálogos com as mais diversas forças sociais e raciais.

Gerald Horne é um dos mais representativos estudiosos das relações entre negros e comunistas nos Estados Unidos. Foi um dos pioneiros no destaque da atuação negra anti-imperialista e democrática ao analisar a trajetória de Benjamin Jefferson Davis – o “Ben Davis” – que foi um importante militante comunista americano. Nascido na

³ HEALEY, Dorothy Ray. **Dorothy Healey Remembers: A Life in the American Communist Party**, 1990; HOROWITZ David. **Left Illusions: An Intellectual Odyssey**, 2003.

⁴ WASHINGTON, Mary Helen. “What happens to American Studies if you put African American Studies at the Center?”. **American Quarterly**, n 50.1, Março/1998; NELSON, Cary. “What happens when we put the left at the Center?”. **American Literature**, n 66.4, Dezembro/1994.

Georgia no início do século XX e migrado para o norte, mais especificamente Nova Iorque, Davis, na opinião de Horne, não se tratava de uma exceção. Para Horne,

o contexto sugeria porque a evolução de Davis não era uma aberração. Paul Robeson, William Patterson, W. E. B. Du Bois, Shirley Graham – os mais proeminentes intelectuais negros – estavam orientados para esquerda. Fazer revolucionários afro-americanos não era tão difícil nos Estados Unidos da era Jim Crow.⁵

Numa outra obra de cunho biográfico, Horne elegeu um dos maiores intelectuais negros como objeto: W. E. B. Du Bois. Embora tenha tido uma trajetória errática em termos de filiação político-ideológica, morreu comunista. Horne demonstra o processo de radicalização na trajetória de Du Bois a partir do violento aparato repressivo imposto a ele e aos movimentos nos quais se via envolvido. O argumento do livro, porém, trata da imbricação do anticomunismo e do racismo nos variados aparatos de coerção e “convencimento” que atuaram no sentido de barrar a suspensão definitiva das leis Jim Crow. Nesse caso, entidades do tamanho da NAACP (The National Association for the Advancement of Colored People) terminaram por, ao combater a “infiltração” comunista nas comunidades negras, se alinhar às políticas de pós-1947, do período de Guerra Fria, quebrando alianças entre brancos e negros no plano interno:

A pressão para apoiar o Plano Marshall, iniciada em 1947, foi importante para explicar a adesão da liderança da NAACP aos ditames da Guerra Fria. (...) Estava fortemente expresso que aqueles euro-americanos que mais se opunham ao regime Jim Crow e ao racismo eram comunistas e deveriam ser cuidadosamente vigiados no grupo.⁶

Tendo sua escrita sido iniciada no final dos anos 60 *Communists in Harlem during the Depression* é um texto que explica as flutuações políticas da história recente dos negros estadunidenses. A idéia central do livro é dissuadir o leitor da corrente noção impregnada no desde a Guerra Fria na historiografia norte-americana que o sentido da aproximação entre comunistas e negros passava pelo viés da manipulação, ilusão e traição. Parte das estratégias de luta por direitos dos negros era compreendida como mais um passo do comunismo no mundo Ocidental capitalista. Justificava-se, assim, boa parte da repressão empreendida contra os movimentos negros nos Estados Unidos. Mark Naison explora o cotidiano das ações do Partido num dos espaços onde mais

⁵ HORNE, Gerald. **Black liberation/red scare: Ben Davis and the Communist Party**. London e Mississauga: Associated University Press, 1994, p 27.

⁶ HORNE, Gerald. **Black and red: W.E.B. Du Bois and the Afro-American response to the Cold War 1944 – 1963**. Albany: State University of New York Press, 1986, p 64.

sucesso obteve essa relação, a saber, comunismo e radicalismo negro, no bairro do Harlem, em Nova Iorque. Para o autor, os negros se viram, diante dos comunistas, imersos em outro conjunto de questões: revolução/reforma, integração/nacionalismo e ações legais/protestos/clandestinidade. Por outro lado, o Partido também se via numa situação diferente já que se tornara palco de uma abrangente formação multi-étnica, esforçando-se, ao mesmo tempo, por tornar a agenda negra sua própria e inserir esta numa ampla perspectiva de luta contra o capital em amplas frentes como a organização da cultura, ocupação de espaços em sindicatos e na disputa por ganhos setoriais diante do Estado e do capital. O autor afirma que o CPUSA do Harlem nasceu de correntes socialistas do radicalismo negro, mais precisamente a **African Blood Brotherhood**:

De todos os cinco primeiros comunistas do Harlem, todos com exceção de Huiswoud foram recrutados da African Blood Brotherhood, uma 'ordem secreta revolucionária' fundada em 1919 que enfatizava a auto-defesa, orgulho de raça e a auto-determinação dos negros em nações onde eles fossem maioria. Foi o anti-colonialismo da Revolução Bolchevique que atraiu sua atenção, e não os sucessos organizativos dos comunistas americanos.⁷

Randi Storch, ao estudar o crescimento do comunismo em Chicago entre 1928 e 1935, chega a seguinte conclusão:

De todas as cidades dos Estados Unidos com uma grande concentração de afro-americanos, Chicago foi aquela que mais sucesso obteve em recrutar negros ao partido. Em 1930, 233.903 viviam em Chicago, 6.9 por cento da população da cidade dominando uma pequena região no Lado Sul. Em 1932, porém, 24.3 por cento dos membros do partido eram afro-americanos. Esses 412 comunistas negros representaram o maior número de membros negros do partido concentrados em qualquer cidade dos Estado Unidos, incluindo Nova Iorque, onde em 1932 setenta e quatro membros eram afro-americanos.⁸

A informação é extremamente relevante, principalmente se colocada ao lado do argumento de Naison. No entanto, pode dar uma falsa impressão já que a quantidade de militantes formalmente vinculados ao partido não pode ser entendido como um dado da real influência do partido na vida social dos grupos subalternizados, sobretudo aqueles submetidos racialmente. O mais interessante, porém, é que em Chicago se deu a maior

⁷ NAISON, Mark. **Communists in Harlem during the Depression**. Urbana: University of Illinois Press, 2005, p 5.

⁸ STORCH, Randi. **Red Chicago: American Communism at Its Grassroots, 1928-35**. Urbana: University of Illinois Press, p 39.

vinculação entre sindicatos, operários e o CPUSA. Portanto, a frente operária propriamente dita do partido parece ter sido mais em Chicago que em Nova Iorque onde a grande expressão da existência do partido é a *Harlem Renaissance*. Assim, um exame razoavelmente concreto da atividade comunista em compasso com as organizações negras no norte já existe.

A questão proposta por Naison e Storch é ampliada por Mark Solomon em *The Cry Was Unity: Communists and African Americans, 1917-36*.⁹ Nesse caso o autor se propõe a explicar as nuances da fusão entre as agendas de comunistas e negros nos anos referidos. Solomon destaca as barreiras incontáveis relacionadas a um “estranhamento histórico” entre o desenvolvimento das idéias de esquerda, sobretudo as comunistas, na Europa e o passado de resistência escrava no Novo Mundo estabelecendo relações entre as representações políticas, as artes e o mundo do trabalho. Solomon é um dos que se mostram céticos quanto à aplicação de William Z. Foster, dirigente comunista euro-americano, na tentativa de tornar o Partido próximo da questão igualdade racial¹⁰. Aproximando-se de Naison em termos de abordagem, Solomon projeta uma análise mais global da trajetória do CPUSA articulando temas que se referem ao urbano e o rural, referendado pela divisão estadunidense entre norte e sul. Para este autor o Partido Comunista dos Estados Unidos deixou, como maior legado, um pioneirismo na luta pela igualdade racial dentre as organizações de esquerda daquele país.

Minha proposta de pesquisa então se referencia em parte numa abordagem que pretende destacar o aspecto transnacional da esquerda americana, entremeada por características singulares relativo aos seus componentes; portanto, o pressuposto é pensar as esquerdas como projetos internacionalistas, totalizantes, mas traduzidos em experiências concretas, portanto, singulares.

Dessa maneira, não custa lembrar que a Internacional Socialista – a chamada II Internacional – antes da Revolução Bolchevique já chamara atenção para a questão

⁹ SOLOMON, Mark. **The Cry Was Unity: Communists and African Americans, 1917-36**. Jackson: University Press of Mississippi, 1998.

¹⁰ MORENO, Paul D. **Black Americans and organized labor: a new history**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006, pp 132-3. Sobre o boicote que metalúrgicos negros impuseram a greves da classe organizadas em 1919 e 1921. As motivações são complexas, mas o CPUSA, na figura de Foster, entendeu que os trabalhadores não eram contrários aos sindicatos como se sentiam bem em tomar postos de trabalho dos brancos.

racial na África do Sul, repudiando, com participação sul-africana, o regime do *apartheid*.¹¹ A questão negra viria a ser debatida no Comintern com algum destaque em 1922. Ainda assim, 5 anos antes de uma resolução específica para a questão negra ter sido definida pelo Comintern.

Minha sugestão inicial é de que os vetores sul-africano e americano podem ter realizado uma inflexão no Comintern. Ou seja, da postura tradicionalmente comunista que definia a luta de classes a partir da posição dos sujeitos em relação aos meios de produção – Foster já dizia que “the racial expression of the Negro is simply the expression of his economic bondage and oppression, each intensifying the other. This complicates the Negro problem, but does not alter its proletarian character”¹² – passava-se a admitir, tacitamente, a desigualdade de condições, mesmo dentro de um mesmo grupo social definido em termos de classe. A tensão que provocou redefinições na postura adotada por Foster no decorrer da década de 20 pode ter sido a mesma que se abateu sobre o Comintern. Abstraindo as nuances da postura comunista é preciso reconhecer um problema ainda em aberto: como e, sobretudo, por que os comunistas debateram uma questão negra em 1922, antecipando teses que só seriam radicalizadas em 1927? Desde quando havia planos sobre o assunto no Comintern? Houve uma alteração de percurso no cerne da Internacional Comunista *vis-à-vis* a questão negra? Creio que sim. Imagino que parte de um exame atento à questão precisa recair numa reavaliação do papel dos comunistas sul-africanos e americanos na organização do movimento comunista internacional. Desse modo, o movimento iniciado pelos historiadores americanos, no sentido de demonstrar que as relações entre a esquerda comunista e o combate ao racismo não se traduziram como simples arremedo soviético

¹¹ STEPHEN, Ellis. **Comrades against apartheid: the ANC and the South African Communist Party in exile**. Bloomington, London, 1992); HIRSON, Baruch. **A history of the Left in South Africa: writings of Baruch Hirson**. Londres: I. B. Tauris; Nova Iorque: St Martin's Press, 2007; DAVIDSON, Apollon; FILATOVA, Irina; GORODNOV, Valetin e SHERIDAN, Johns (orgs). **South African and the Communist International: A documentary history, vol I and II**. Londres, Portland: Frank Cass Publishers, 2003; ALEXANDER, Peter. **Workers, war and the origins of apartheid: labor and politics in South Africa, 1939 – 1948**. Oxford: James Currey Ltd.; Cape Town: David Philips Publishers; Athens: Ohio University Press, 2000; SHERIDAN, Johns. **Raising the red flag: the International Socialist League and the Communist Party of South Africa, 1914-1932**. Bellville: Mayibuye Books, 1995; HALISI, C. R. D. **Black political thought in the making of South African democracy**. Bloomington: Indiana University Press, 1999

¹² FOSTER, William Z. **History of the Communist Party of the United States**. Nova Iorque: s/e, 1952, p 173.

ganha novo fôlego ao articular *apartheid* sul-africano às leis de segregação racial nos Estados Unidos.

Continuidades transnacionais e rupturas locais

Não é exatamente uma novidade o caráter transnacional dos processos e fenômenos diaspóricos. Nas Américas já se sabe algo acerca dessas relações no século XIX. Os fenômenos relativos ao período pós-abolição e conectados a nexos de experiências transnacionais, principalmente quando ligados aos mundos subalternos, ainda são objeto de pouco interesse dos historiadores. O que resta, para quem pretende investigar a existência da continuidade dos liames que outrora tivera lugar sob a égide da escravidão, é realizar amplo apanhado bibliográfico das produções nacionais, por um lado, e identificar rastros transnacionais de repressão e de organizações subalternas.

Robin Kelley em *Hammer and Hoe: Alabama Communists during the Great Depression* trata exatamente de como uma organização inicialmente hegemônica pela militância de brancos nortistas se ampliou. Kelley propôs que, exatamente por estar num ambiente de violência pela vigência supremacia branca, foi possível uma organização vir a ser espaço de trabalhadores de variados matizes étnico-raciais.¹³ É uma tese que, junto às outras, demonstra bem a capilaridade do CPUSA nas mais variadas regiões dos Estados Unidos. Seu foco é a atuação do partido no sul, no estado do Alabama, durante a depressão econômica. Em 1932, quando o número de empregados diminuiu drasticamente, os militantes do CPUSA dobraram em St. Louis. Passaram a atuar ativamente, embora não de forma exclusiva, nos bairros negros daquela cidade propugnando um enfretamento da crise, por parte dos trabalhadores, de uma maneira interracial.¹⁴

Um outro exemplo da trajetória do CPUSA no sul dos Estados Unidos é Hosea Hudson e Nell Irvin Painter, *The Narrative of Hosea Hudson, His Life As a Negro Communist in the South*.¹⁵ Trata-se de uma biografia. Sabe-se que a atuação do CPUSA

¹³ KELLEY, Robin. **Hammer and Hoe: Alabama Communists during the Great Depression**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1990.

¹⁴ *Op cit.*, p 214.

¹⁵ HUDSON, Hosea e PAINTER, Nell Irvin. **The Narrative of Hosea Hudson, His Life As a Negro Communist in the South**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1979

variou da construção de associações para inserção de negros no corpo de votantes nas eleições à educação, ou melhor, à introdução à leitura de afro-americanos como Horsea Hudson. Nascido na área rural da Georgia, Hudson tornou-se agricultor em terras que não eram suas, antes de se mudar para Atlanta em 1923 para trabalhar numa área de manutenção de locomotivas. Depois do famoso caso *Scottsboro Boys*¹⁶, Hudson entrou no CPUSA em 1931 somente para ser despedido de seu trabalho como metalúrgico em 1932 por suspeita de ser comunista. No ano seguinte realizou sua primeira viagem para fora do Sul estadunidense, onde compareceu a uma reunião nacional do partido em Nova Iorque. Trata-se, assim, de uma história como algumas outras de negros que permaneceram no Sul e não fizeram parte da grande migração da década de 10 e 20. Portanto, uma história da experiência militante, de comunistas negros que adicionaram o partido às suas vidas como parte de uma vida social para além dos clubes sociais de e para negros.

Que a história do CPUSA e do comunismo americano deve muito aos negros caribenhos como Cyril Briggs, Claude McKay e Richard Benjamin Moore, para ficar em poucos exemplos, todos os estudiosos encontraram consenso. Durante seu auge nos anos 30 e 40, o CPUSA foi um espaço de síntese por diferentes motivos e maneiras. O que não se avaliou ainda é o quanto – e como – essa heterogeneidade influenciou os PC's da diáspora por meio do Comintern.

O lema da integração foi um mote mesmo que competisse com a tese da auto-determinação nacional dos negros no Sul, propugnada desde 1928. Na África do Sul o movimento foi parecido já que sobre 1920 Mantzaris informa:

From the first moment of its existence the ISL-CT (International Socialist League – Cape Town) tried to incorporate within its ranks the militant elements of all population groups, with particular emphasis on the artisan sections of the 'white' and 'coloured' groups and the highly exploited African working class in the docks and factories. It was actually the persistence of the organisation in its agitation amongst black workers which forced the Commissioner of Police to comment that "The equality of

¹⁶ Trata-se de uma acusação feita contra 9 garotos negros por estupro de duas meninas brancas nas linhas de trem que liga Memphis e Chattanooga em 1931. Há um filme, “American Tragedy”, que retrata bem os eventos ligado à formação de júris totalmente brancos para julgá-los.

the coloured and native worker is everywhere insisted upon, but is not pushed so strongly in the Transvaal as in the Cape".

In the same mould, the said Commissioner had already warned the Department of Justice that the successful agitation by the Bolshevik organisation in the country, especially amongst the black workers, suggested that drastic steps should be taken in order to deal with the evil of Bolshevism "growing seriously in the Union".¹⁷

A migração de caribenhos para os EUA possibilitou que duas experiências de negritude se encontrassem e convergissem. A intensidade e tensões resultantes dessa convergência ainda estão a ser estudada. No Comintern, mais experiências de negritude foram objeto de debates. É evidente a desigualdade de posições de quem falava e escutava; é também claro que isso não dirimiu o eurocentrismo. No entanto, parece claro que se tratou de um lugar distinto do que estavam habituados os negros, objetos da segregação. De fato, aqueles afro-caribenhos foram parte de uma significativa transformação das cores das linhas comunistas tanto quanto os afro-americanos do sul. Alguns passos já foram dados no sentido de explorar as permanências das experiências de negritude na esquerda americana como já foi demonstrado acima. Outros exemplos se somam com abordagens que procuram essa continuidade em elementos ligados, sobretudo, à produção cultural.

Bill Mullen, James Smethurst, William Maxwell e Barbara Foley têm examinado os diferentes sujeitos da Renascença do Harlem, sob os mais variados aspectos, identificado continuidades da experiência de esquerda nos movimentos anti-segregacionistas ao mesmo tempo em que sugerem que ambos os aspectos tem mais influência na construção americanidade contemporânea que os *American Studies* usualmente sugerem.¹⁸ Os sujeitos afro-caribenhos do movimento já são amplamente

¹⁷ MANTZARIS, Evangelos. "The promise of the impossible revolution: the Cape Town industrial socialist league, 1918 – 1921". In: **Labor Struggle in South Africa: the forgotten pages 1903-1921**). <http://www.sahistory.org.za/pages/library-resources/online%20books/labour-struggles/chapter-1.htm#14>

¹⁸ MULLEN, Bill V. e SMETHURST, James. **Left of the color line: race, radicalism and twentieth century literature of the United States**. Chapel Hill, Londres: The University of North Carolina Press, 2003.

conhecidos. A depender dos níveis de consolidação dessas pesquisas, pode-se ter elementos para uma recomposição das bases do sentido de nação, nos EUA; nesses termos a americanidade adquiriria novos contornos, repletos de cor, subalternidade, conflito e, principalmente, transnacionalidade, quase uma heresia numa sociedade onde o outro tem quase sempre o papel de ameaça.

No tempo da ruptura do Partido Socialista em 1919, que viria a dar origem ao CPUSA, e da explosão das idéias Bolcheviques ao redor do globo, o comunismo já havia se estabelecido em solo americano. Se por meio da imigração européia e caribenha ou por alguma questão endógena, não importa muito em relação ao fato de que a idéia de comunismo em variadas plêiades se encontrava espalhada como ideologia contestadora. Nunca é demais lembrar que o próprio Karl Marx foi correspondente do New York Daily Tribune em meados do século XIX e debateu amplamente questões raciais tanto ligados à escravidão como ao colonialismo.¹⁹

Havia dois grupos de comunistas quando o Partido Socialista cindiu-se. John Reed e outros membros da esquerda do Partido fundaram o Communist Labor Party of America. A “Language Federation” a qual foi formada por imigrantes europeus das várias nacionalidades fundou, no dia seguinte, o Communist Party of America, no dia 30 de setembro de 1919. Em maio de 1921, os comunistas se uniram sob uma única agremiação partidária, depois de pesada repressão policial e de intensa pressão do Comintern que então tinha apenas dois anos de fundação e demonstrava insatisfação com a divisão dos comunistas nos EUA. O partido comunista teria participação em um braço legal, o “Workers Party”, trabalhando também na clandestinidade, fugindo da repressão policial. Richard Benjamin Moore, Claude McKay e Cyril Briggs estiveram, no início dos anos 20, envolvidos em atividades comunistas ao mesmo tempo em que trabalhavam na African Blood Brotherhood, uma agremiação pequena radical, oposta ao pan-africanismo de Garvey, que se filiaria quase que completamente ao CPUSA, como já foi dito acima. Eles se constituem como forte evidência de que o comunismo afro-americano, por assim dizer, foi construído por sobre uma base de permanente diálogo

¹⁹ FERREIRA, Muniz. **Mercados, Diplomacia e Conflitos: uma abordagem histórica das relações internacionais, a partir dos artigos publicados por Karl Marx e Friedrich Engels no New York Daily Tribune no período de 1851/1862.** Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade São Paulo, 1999.

entre as experiências afro-caribenhas e afro-americanas. Nessa conjuntura, Horsea Hudson se mudava de Wilkes County para Atlanta em função de trabalho em rotunda para locomotivas, Angelo Herndon se filiaria ao partido, Benjamin Davis viria a ser parte da comunidade harlemita nos anos 30 e Harry Haywood que era do Sul e parte da “African Blood Brotherhood”, rapidamente se tornaria parte integrante do Comintern como um membro proeminente. Estes são exemplos do comprometimento posterior de afro-americanos com o comunismo e, principalmente, como este seria um espaço de tradução de diferentes experiências de subalternidade.

As raízes do separatismo, esta que foi a tese mais radical da resistência negra, estão situadas na militância comunista das décadas de 20 e 30, no Sul e em algumas cidades do norte estadunidense, possivelmente em um sentimento pátrio mais difuso entre negros do sul americano e do Caribe, apropriadas no final da década de 20 pelo Comintern e sustentada pelos setores mais à esquerda do movimento radical americano. Redundaria no nacionalismo negro da década de 60.

Por fim uma idéia em estado de inércia pode ajudar a pensar construção de um “idioma atlântico” anti-racista e de esquerda. Talvez a idéia de um *campo da esquerda* venha a ser pertinente para abrir a investigação na direção da relação que os partidos de orientação marxista mantiveram com agremiações de outros matizes teóricos no tratamento da questão racial; em outro plano, o modo por meio do qual as comunidades negras fizeram-se aproximar dessas agremiações e em que medida elas influíram para a conquista de hegemonia dos marxistas no campo também parece igualmente relevante. A origem caribenha de boa parte dos militantes mais destacados da ABB sugerindo um fio transnacional da luta contra o racismo²⁰, de certo modo fecha o círculo argumentativo. O caso brasileiro ainda é obscuro já que poucas notícias de organizações radicais negras tenham se feito ouvir ou ecoar na historiografia brasileira. Tampouco os escritos recentes se propuseram a buscar esses surtos radicais que, em geral, estão sempre à margem. Talvez a Frente Negra Socialista Brasileira, de 1931, tenha sido a

²⁰ Os arquivos da ABB estão dispersos em jornais e livretos. A maior parte encontra-se na Tamiment Library da New York University (NYU) como parte de um grande projeto de história Oral das Esquerdas. Para além dos jornais, como *The Crusader*, alguns textos já se encontram na Internet (<http://www.marxisthistory.org/subject/usa/eam/abb.html>) como, por exemplo, o programa de fundação e escritos relacionados ao vínculo com o Comintern. Junto a esta documentação, uma outra, ligada ao CPUSA localizada na Congress Library e na já citada biblioteca da NYU.

iniciativa mais acabada nesse sentido. De qualquer forma, as organizações anti-racistas, nos Estados Unidos, e as formas resistência ao racismo parecem ter legado mais à esquerda que habitualmente é dado; por outro lado, as esquerdas também lhes deixaram marcas profundas o que propicia duas conclusões parciais: politicamente, ambos foram mais definidores e protagonistas da construção do idioma político contemporâneo que geralmente se tem postulado; do ponto de vista cultural, produziram notáveis obras imateriais da humanidade apropriando-se das brechas ao mesmo tempo em que tornavam-nas cada vez maiores para invenção não só de direitos como de identidades. Assim, concluo com Marshall Berman. Para ele, a Frente Popular nos Estados Unidos:

Liberou os comunistas para serem inclusivos e criativos, muito mais do que jamais tinham sido ou seriam de novo. Podemos agradecer pelo CIO (Congress Industrial Organizations), pelo TVA (Tennessee Valley Authority), pelo controle municipal dos aluguéis, por *As Vinhas da Ira*, *Let us now praise famous men*, *Um fio de esperança*, “*Strange fruit*”, *Appalachian spring*, *Cidade Nua*. A Frente animou a cultura americana durante toda a Segunda Guerra Mundial. Embora concebida por subalternos de Stálin, fez provavelmente muito mais pelos Estados Unidos do que jamais fez pela União Soviética.²¹

²¹ BERMAN, Marshall. **Um século em Nova York: espetáculos em Times Square**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p 107.